

28/10/2013, 17:25:21

Agência Estado - EMPRESAS E SETORES

## **EXCLUSIVO: CARREFOUR NÃO TERIA DIFICULDADES EM CAPTAR R\$ 15 BI NO BRASIL, DIZEM ESPECIALISTAS**

São Paulo, 28/10/2013 - Apesar de o mercado de capitais brasileiro estar caminhando em ritmo mais lento nos últimos meses, uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) do Carrefour seria bem-sucedida, de acordo com especialistas ouvidos pelo **Broadcast**. "Há espaço para uma oferta deste porte, pois existem investidores locais e estrangeiros com apetite, apenas esperando uma boa oportunidade", afirma Renato Chaves, sócio diretor da Mesa Corporate Finance.

Além dos investidores em potencial, outro ponto positivo para a realização da oferta seria o próprio peso da marca, conhecida globalmente, segundo o sócio responsável pela área de Mercado de Capitais da TozziniFreire, Antonio Felix Cintra. "É uma empresa que parece ter todas as condições para fazer uma oferta destas, pois tem posição e porte importantes no mercado. É claro que a oferta dependerá do momento para sair, mas ainda há espaço para varejo na Bolsa", garante.

A janela de oportunidade é justamente o que ainda não está totalmente claro, segundo os profissionais, uma vez que 2014 ainda promete volatilidade em todos os mercados, principalmente no brasileiro. "As janelas de oportunidade fecham mais rápido do que abrem, então a empresa terá que se posicionar estrategicamente, visto que o ano que vem será bem atípico, com Copa e eleições. Será um ano concentrado, com momentos em que nada vai ocorrer por incertezas, e outros repletos de acontecimentos", projeta Cintra.

Chaves destaca também que o negócio Carrefour já bastante é consolidado, "sem nenhuma aventura por trás", o que chama atenção dos investidores que gostam do setor de varejo e hoje acreditam que falta opções de companhias do setor para alocarem seus recursos.

Embora os especialistas acreditem que a rede multinacional francesa não terá dificuldades em captar R\$ 15 bilhões, volume estimado para o IPO no Brasil, ambos não veem a operação em si como positiva para o mercado de capitais do País justamente por conta do tamanho. "O ideal seria que houvesse ofertas menores, mas em maior quantidade. O tamanho do mercado brasileiro é ridiculamente pequeno, até a Polônia tem mais empresas listadas", comenta Chaves.

Na opinião de Cintra, o tipo de investidor que a oferta do Carrefour deverá atrair é o institucional, o que concentrará boa parte das ações na mão de grandes gestores de todo o mundo. "Isso é ruim, porque os grandes investidores vão comprar os papéis e ficar com eles, não vão gerar liquidez para o mercado. Se houvesse mais ofertas, embora de tamanhos menores, haveria mais liquidez e mais opções para diversificação", ressalta Chaves.

Cintra acredita que ofertas menores vão acontecer, mas talvez ainda não em 2014. "Vários agentes do mercado estão fazendo um esforço muito grande para tentar integrar emissões menores, em especial de pequenas e médias empresas (PMEs), o que é um movimento forte. É uma tendência que vai se materializar em algum momento, mas não sei se

necessariamente já no ano que vem, porque essas coisas demoram", pondera.

A indicação de Charles Desmartis como novo CEO do Brepa Comércio e Participações Ltda. (BREPA), a holding do Carrefour no Brasil, sinaliza que o grupo francês vai apostar suas fichas no Brasil, segundo maior mercado depois da França, na avaliação de profissionais do mercado. A partir de 4 de novembro, o executivo coordenará os trabalhos do Carrefour Comércio e Indústria, liderada por Luiz Fazzio, que inclui hipermercados, supermercados de bairro e serviços financeiros; e o Atacadão, a atividade cash & carry (atacarejo) sob o comando de José Roberto Mussnich.

Segundo notícias veiculadas na imprensa na última semana, o Carrefour já teria contratado os bancos Itaú BBA e Credit Suisse para preparar sua estreia na BM&FBovespa. É a primeira vez que a companhia, já listada na Bolsa de Paris, aprofunda estudos para abrir o capital de uma subsidiária. No Brasil, o crescimento das vendas chegou a 9,5% no terceiro trimestre de 2013. Globalmente, não passou de 1,3% no mesmo período. (Gabriela Forlin)